

As fortunas eruditas e populares do *Lunário Perpétuo*

Franselma Fernandes de Figueirêdo
Universidade Federal do Semi-Árido (UFERSA)

Resumo: Desde meados do século XV, pelo menos, notas de leituras relatam a passagem dos *Lunários Perpétuos* de mão em mão, entre leitores europeus ou não. No Brasil, muitos são os *Lunários* listados pelos historiadores, arrolados em inventários ou mesmo citados em memórias de leituras, pelo menos desde o início do século XVIII. A partir de então foi sucessivamente reeditado e tantas vezes emendado e acrescentado, portanto, possuído, lido, relido, recitado, escutado, comentado e seus ensinamentos devidamente apropriados por inúmeras famílias que moravam no Nordeste brasileiro. Entre tantos ensinamentos instrutivos, o *Lunário* pontua preceitos a respeito da sobrevivência dos humanos, dos animais, da agricultura e da permanência da fé religiosa e orienta como fazer previsão de chuvas e como conduzir a educação das crianças. Neste início de século XXI, no Nordeste brasileiro, os ensinamentos instrutivos do *Lunário*, em suas distintas versões, ainda permanecem sendo difundidos bem mais oralmente pelos “profetas do sertão”, ou “profetas das chuvas”. Um dos “valiosos” ensinamentos apropriados e permanentemente difundidos por esses profetas é a previsão de chuvas, segundo os fenômenos da própria natureza, que cobrem desde a direção dos ventos até ciclos solares e lunares.

Palavras-chave: *Lunário Perpétuo*; Leitura; Ensinamentos instrutivos; Nordeste.

Résumé: Depuis, tout au moins, le milieu du XV^{ème} siècle, des notes de lecture relatent le passage de main en main de calendriers lunaires perpétuels parmi les lecteurs européens ou non-européens. Au Brésil, nombreux sont les calendriers lunaires listés par les historiens, répertoriés dans des inventaires ou même cités dans des mémoires de lectures depuis au moins le début du XVIII^{ème} siècle. Dès lors, celui-ci a été successivement réédité et de nombreuses fois amendé et accru, par conséquent, possédé, lu, relu, récité, écouté, commenté et ses enseignements dûment appropriés par d’innombrables familles qui vivaient dans le nord-est du Brésil. Parmi les nombreux enseignements instructifs, le Calendrier Lunaire caractérise des préceptes au sujet de la survie des hommes, des animaux, de l’agriculture et de la permanence de la foi religieuse et informe comment se fait la prévision des pluies et comment on éduque les enfants. Au début du XXI^{ème} siècle, dans le nord-est du Brésil, les enseignements instructifs du calendrier lunaire sont toujours diffusés, dans différentes versions, beaucoup plus verbalement par « les prophètes du sertão », ou « les prophètes de pluie ». L’un des précieux enseignements appropriés et en permanence diffusés par ces prophètes est la prévision des pluies, selon les phénomènes de la propre nature, qui vont de la direction des vents jusqu’aux cycles solaires et lunaires.

Mots-clés: Calendrier lunaire perpétuel; Lecture; Enseignements instructifs; Nord-est.

Desde meados do século XV, pelo menos, notas de leituras relatam a passagem dos *Lunários perpétuos* de mão em mão, entre leitores e não leitores europeus. Data do ano de 1473, em Portugal, a publicação do primeiro *Lunário perpétuo*, destinado a

ensinar ciclos solares, lunares, religiosos e civis e assuntos relacionados ao tempo passado, ao presente e ao vindouro. (MARREIRO, 2004). Em 1494, 21 anos depois dessa primeira publicação portuguesa, circulou, em Barcelona, uma edição em italiano do *Lunari i repertori del temps*, escrito por Bernardo Granolach, considerado uma obra de ímpar curiosidade, por reunir e explicar, de modo popular, os conhecimentos das ciências empíricas modernas. (POEL, s.d).

No século seguinte, o XVI, circulou, na sociedade camponesa italiana, uma edição do *Lunario ao modo di Itália calculato composto nella città di Pesaro dal ecc^{mo} dottore Marine Camilo de Leonardi*, a qual, foi uma das obras possuídas, lidas e, de alguma forma, apropriadas pelo moleiro Menocchio, da aldeia italiana de Montereale, nos domínios de Veneza. Nesse mesmo século, em 1574, também foi publicada a primeira edição de um *Lunário* em língua espanhola.

A edição portuguesa, composta por Jerônimo Cortês Valenciano, natural de Valência, na Espanha, segundo Cascudo (1953) foi adaptada da edição espanhola de 1574. Essa edição foi impressa em Lisboa, em 1703, na oficina de Miguel Menescal da Costa, uma tipografia, diga-se, do Santo Ofício. Daí em diante, outras edições se seguiram, como a de 1757, publicada em Lisboa pela Oficina Domingos Gonçalves, traduzida em português por Antônio da Silva Brito e emendada conforme o Expurgatório da Santa Inquisição. Muitas outras edições dessa tradução foram reeditadas em Lisboa, ao longo do século XIX, pela Tipografia de José Batista Morando (1861), pela Casa da Viúva Bertrand e Filhos (1866) e pela Veja (1878).

Chartier (2001) faz referência à grande circulação de *lunários perpétuos*, por muito tempo responsáveis por moldar maneiras de pensar e de contar. Intensamente lidas, relidas e memorizadas, essas obras impressas eram, sobretudo,

[...] objeto de manipulações frequentes, de repetidas consultas [...]. Suas divisões e seus referenciais organizam, portanto, a escrita íntima, como atesta o exemplo de numerosos jornais [crônicas] e memórias que inscrevem os acontecimentos da existência pessoal ou familiar nos calendários e mapas astronômicos fornecidos [...]. (CHARTIER, 2001, 88).

No Brasil, muitos são os *Lunários* listados pelos historiadores em remessas para algum destinatário. Vários são arrolados em inventários, ou mesmo citados em memórias de leituras, pelo menos desde o início do século XVIII, período em que foi

publicado em Portugal, com o título *Lunário e prognóstico perpétuo para todos os reinos e províncias*, composto por Jerônimo Cortês Valenciano. Uma dessas memórias de leituras, o diário de Antônio Gomes Ferrão Castelo Branco – senhor de engenho da Bahia, familiar do Santo Ofício da Inquisição, cavaleiro da Ordem de Cristo e fidalgo da Casa Real, secretário da Academia Brasílica dos Renascidos e fluente em língua francesa –, escrito por volta de 1755, revela apropriações dos ensinamentos relativos às condições meteorológicas e de atitudes de resignação diante da vida:

As últimas observações do nosso senhor de engenho em seu diário dizem respeito ao ordenamento da intimidade. Um ordenamento que se vale, como critério, de um lunário ou ‘prognóstico’, como era então chamado: ‘modo de saber se fará chuva ou sol nos doze meses do ano’. A partir desse título pomposo, Castelo Branco perde-se em cálculos baseados nas condições meteorológicas [...]. O cuidado com que calcula e descreve as possíveis chuvas, secas, ventos e trovoadas revela a sua necessidade de ordenar preceitos de ação, resignação e esperança, armando-o contra os possíveis infortúnios a surgir em seu caminho. (DEL PRIORE, 1997, p. 297).

A leitura desse almanaque foi extensiva a padres, como não poderia deixar de acontecer, auxiliando-os no ofício religioso de facilitar, orientar e ensinar aos seus paroquianos tudo o que pertencia a Deus e aquilo que pertencia ao homem social. Segundo Jorge Araújo (1999), entre os bens arrolados no inventário do padre mineiro José Luís Soto, em 1800, está um exemplar do *Lunário e prognóstico perpétuo*, o composto por Jerônimo Cortês Valenciano, ao lado de obras religiosas, históricas, civis e educativas.

Como não podia ser diferente, o almanaque *Lunário e prognóstico perpétuo* é um dos objetos da literatura de ficção. No romance *Luzia homem* (1903), de Domingos Olímpio, ambientado nos episódios da seca de 1878 na extensão do Nordeste brasileiro, o *Lunário* foi investigado pelo autor:

Não havia mais esperança. Os horóscopos populares aceitos pela credence, como infalíveis: a experiência de Santa Luzia, as indicações do Lunário Perpétuo e a tradição conservada pelos velhos mais atilados, eram negativas, e afirmavam uma seca pior que a de 1825, de sinistra impressão na memória dos sertanejos, pois olhos d'água, mananciais que nunca haviam estancado, já não marejavam. (OLÍMPIO, 1829, p. 61).

Nesse século de credices religiosas e até fanáticas, a leitura do *Lunário e prognóstico perpétuo* também foi intensamente exercitada – ao lado da *História da princesa Magalona* e da *História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França* – por Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro (1830-1897), líder espiritual do movimento messiânico conhecido como Guerra dos Canudos (1896-1897), em algumas regiões do sertão da Bahia. (MONIZ, 1984).

Adentrando-se o Ceará, especialmente em Juazeiro do Norte, terra do Padre Cícero Romão, as pesquisas de Marreiro (2004) apontam que, na década de 1940, o *Lunário e prognóstico perpétuo* foi adaptado e retitulado como *Lunário moderno ou manual do nordestino* e como *O juízo do ano*. Essa última adaptação, editada por Manoel Caboclo, atingiu a tiragem de 35 mil cópias e circulou entre os anos de 1960 e 1996.

Neste início de século XXI, no Nordeste brasileiro, os ensinamentos instrutivos do *Lunário*, em suas distintas versões, ainda permanecem sendo difundidos bem mais oralmente pelos “profetas do sertão”, ou “profetas das chuvas”. Um dos “valiosos” ensinamentos apropriados e permanentemente difundidos por esses profetas é a previsão de chuvas, segundo os fenômenos da própria natureza, que cobrem desde a direção dos ventos até ciclos solares e lunares. Um exemplo é dado por Marreiro (2004, p. 6), numa reportagem sobre o “profeta das chuvas” Chico Mariano, morador no sertão do Ceará: “Mariano fez previsão olhando para o céu do mês de julho: se em 1º de julho há nuvens, é janeiro de chuvas. Se o dia 2 é limpo, fevereiro é seco.”

No sertão do Seridó e arredores, moradores de sítios e de rua acatavam os prognósticos meteorológicos do *Lunário e prognóstico perpétuo* como sentença quase definitiva. Esse almanaque ensina minuciosamente o que são as ciências complicadas dos astros, das doze casas dos planetas, regras para conhecer as horas do dia e da noite, remédios estupefacientes para alguma moléstia nos humanos, nos animais e nas lavouras. E, ainda, oferece bons conselhos, à exceção dos que se refiram ao enfrentamento das desumanas secas.

Para Medeiros Filho e Faria (2001, p. 17), a leitura feita, ouvida e propagada de *Lunário e prognóstico perpétuo* foi muito bem apropriada pela verve oral entre “[...] os cantadores populares, na parte que eles denominavam ‘ciência’ ou ‘cantar teoria’, gramática, história, doutrina cristã, países da Europa, capitais, mitologia.” Noutro escrito, Faria (2001, p. 59) refere-se à longevidade dessa obra quase mítica: “Até bem

poucos anos o *Lunário Perpétuo* representava o livro orientador de maior prestígio por aqueles mundos – influência substituída pelo Almanaque do Pensamento.”

No Rio Grande do Norte oitocentista, Hugulino Nunes da Costa (1832-1895), conhecido como Gulino do Teixeira, e Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha (1848-1928), o Fabião das Queimadas, eram dois dos muitos declamadores de versos populares que dominavam e conheciam de cor os ensinamentos desse almanaque de gênero autoinstrutivo.

Enfim, os declamadores decoravam letra por letra, ou melhor, cantavam ensinamento por ensinamento das ciências empíricas, por seus esforços de deles apropriarem-se. Por tantas maneiras diferentes de leitura do *Lunário e prognóstico perpétuo*, feitas por grupos sociais também diferentes, é que Cascudo (1984, p. 22) destaca esse almanaque, como um “[...] incomparável elemento de consulta e de deleite [...]”, muitíssimo lido, escutado e propagado no sertão nordestino, desde que neste chegaram os primeiros desbravadores, trazendo, em seus baús e malas, esse livro de ensinamentos diagnósticos e prognósticos.

No século XIX e no seguinte, o *Lunário e prognóstico perpétuo* seria transladado para muitas e muitas versões da literatura de cordel, comumente recitadas e vendidas nas feiras livres nordestinas. Esse almanaque – para uns –, manual – para outros –, sucessivamente reeditado e tantas vezes emendado e acrescentado, foi, portanto, possuído, lido, relido, recitado, escutado, comentado, e seus ensinamentos devidamente apropriados por nossos tetravós, bisavós, avós – filhos, netos e bisnetos, de inúmeras famílias que moravam no nordeste brasileiro, em Caicó e arredores, principalmente.

O *Lunário e prognóstico perpétuo*, especialmente composto por Jerônimo Cortês Valenciano, continuou sendo publicado em Portugal pela Editora Lello e Irmão e, a cada reedição, passava por reformas e acréscimos, como ocorreu na de 1980, analisada neste capítulo. Adquirimos também outra edição (digitalizada), que está no Museu Histórico da cidade de Acari (RN). Esse exemplar, cuidadosamente ilustrado – com 36 figuras –, apresenta marcas que indicam sua publicação ainda no século XIX e seu pertencimento ao Sr. Antonio Clemente, como revela uma anotação na margem superior da página 246.

Na edição de 1980, ilustrada com apenas 23 figuras, reformada e muito acrescentada, por exemplo, foram atualizados cálculos dos tempos e conjunções da lua,

os quais se afastavam de uma dita verdade. Vários são os trabalhos – principalmente, Araújo (2003), Araújo (2006), Barreto (2005), Cascudo (1972 e 1984), Figueirêdo (2010), Medeiros Filhos e Faria (2001) e Macêdo (1998) – que a ela se referem, atestando sua permanência cativa nas estantes e na memória dos sertanejos.

Esse almanaque de leitura do tipo “faça você mesmo” é de gênero autoinstrutivo de fundo religioso e traz ensinamentos de proveito utilitário, destinados a ordenar o tempo social, orientar o movimento da natureza e as fases da vida humana – podemos assim dizer –, didaticamente mesclados com ensinamentos da sobrevivência dos humanos, dos animais, da agricultura e da permanência da fé religiosa. Nesse manual ou almanaque de gênero autoinstrutivo, a linha de separação entre proveitos utilitários da sobrevivência biológica e proveitos religiosos da alma é, assim, deveras tênue. O tempo à mercê de Deus, que corresponde ao tempo de plantar e de colher, provém do labor de cada indivíduo.

O tempo a mercê de Deus:
 Mas o lavor e os adubos
 Provém dos cuidados teus.
 [...]
 O estrume não é santo, mas faz milagres.
 As tempestades purificam o ar e adubam a terra.
 Quem mal lavra, pouco ceifa.
 Pelo S. Mateus pega o arado e lavra com Deus.
 Quem não lavra quando pode
 Não o faz sempre que quer.
 Começa e acaba tudo a tempo. (VALENCIANO, 1980, p. 104-105).

Nessa linha tênue, o cristão deve manter fidelidade constante aos ensinamentos da Bíblia Sagrada. Do nascer ao morrer, deve vislumbrar, constantemente, a conservação da “saúde da alma”, jejuando nos quatro tempos do ano: (quartas-feiras, sextas-feiras e sábados, na segunda semana da Quaresma, na semana seguinte (do Espírito Santo), depois da Santa Cruz; e posteriormente ao dia de Santa Luzia), lendo ou declamando as chamadas ladainhas maiores (no dia de São Marcos, 25 de abril) bem como as ladainhas menores (todas as segundas-feiras, principalmente). É mister atentar para o fato de que “Os bons conselhos são avisos do Céu. As boas lembranças são como aves de arribação. Se logo não as apanharmos, pode ser que nunca mais voltem.” (VALENCIANO, 1980, p. 102).

Para um melhor proveito, ou aproveitamento autoinstrutivo, de seus tantos ensinamentos da Bíblia Sagrada, especialmente aqueles destinados ao ordenamento da vida terrena, o autor do *Lunário e prognóstico perpétuo* invoca os conhecimentos de Alfragano (astrônomo), Arnaldo de Vila Nova (médico), Avicena (filósofo e médico), Bernardo Granullachs (professor), Cláudio Galeno (médico), Caio Plínio Segundo (naturalista), Hipócrates (médico), Jacopo Sadoletto (papa), Leopoldo de Áustria (imperador romano) e Nicolau Florentino (médico). De suas leituras de Galeno, por exemplo, o autor recorta as fases ou idades da vida humana, articulando-as com o clima e a temperatura:

A primeira idade se chama Infância ou Puerícia, cuja qualidade é quente e úmida; a qual dura desde o nascimento até aos 14 anos.

A segunda idade se chama Adolescência, cuja qualidade é quente e seca, e dura desde os 14 anos até aos 25.

A terceira idade se chama Juventude ou Mocidade, a qual é muito temperada a princípio, e dura desde os 25 até aos 40 anos.

A quarta idade se chama Virilidade constante, cuja qualidade é algum tanto fria a seca: dura desde os 40 até aos 55.

A quinta idade se chama Senectude ou Velhice, cuja qualidade é fria, e seca excessivamente, e dura desde os 55 anos até o fim da vida. (VALENCIANO, 1980, p. 12).

Para a sobrevivência biológica e espiritual em qualquer uma dessas idades da vida, o homem que vivia no sertão, principalmente, necessitava dos específicos ensinamentos da ordem dos quatro tempos e de suas qualidades (primavera, verão, outono e inverno), do calendário gregoriano (ou de Gregório XIII), do ciclo solar (ou dominical), e ainda, do calendário das festas mudáveis da Igreja Católica (Septuagésima, Cinza, Páscoa da Ressurreição, Ladainhas ou Rogações, Ascensão de Cristo, Espírito Santo, Santíssima Trindade, Corpo de Deus e Santíssimo Coração de Jesus).

A escrita de uma história da leitura apoiada numa literatura do tipo “faça você mesmo”, enfim, espécie de uma ciência popular, como é o caso do almanaque *Lunário e prognóstico perpétuo*, requer atentarmos para seus ensinamentos como uma referência familiar, cristã e, sobretudo, comunitária. Como ressalta Chartier (2001), a leitura intensa de uma obra como *Lunário e prognóstico perpétuo* “[...] produz a eficácia [da leitura] do livro, cujo texto torna-se uma referência familiar, cujas fórmulas dão forma às maneiras de pensar e de contar.” Orientar a tábua das festas mudáveis era assegurar

os ensinamentos desse livro e, igualmente, assegurar uma maneira de transmitir, assimilar e, assim, recitar seus ensinamentos:

Da Páscoa à Septuagésima vão	64 dias
Da Páscoa à Cinza vão	47 –
Da Páscoa às Ladainhas vão	37 –
Da Páscoa à Ascensão vão	40 –
Da Páscoa ao Espírito Santo vão	50 –
Da Páscoa à Santíssima Trindade vão	57 –
Da Páscoa ao Corpo de Deus vão	61 –
Da Páscoa ao Santíssimo Coração de Jesus vão ..	69 [dias].

(VALENCIANO, 1980, p. 48).

Em grande parte, a leitura, certamente compartilhada, de cada ensinamento do *Lunário e prognóstico perpétuo* levava adiante prognósticos de tempos passados difundidos pela linguagem escrita, de outras obras (por exemplo, o *Almanaque do horticultor*), além de escritos de autores leigos ou católicos (Alexandre I, Almonçor, Gregório IX, Gregório XIII e Júlio Cesar). As leituras e pesquisas tópicas, baseadas no *Almanaque do horticultor*, orientavam o homem do sertão a lidar com a sobrevivência da vida biológica e a da natureza, pelo cultivo de jardins, hortas, árvores frutíferas e do trato dos animais. Na tábua desses ensinamentos, a fórmula de ler, memorizar, transmitir e repetir estava assim exposta:

Jardins – Neste mês [janeiro] deve continuar o arrancamento das plantas anuais velhas que tenham estendido a sua florescência até mais tarde. [...] As mudanças e transplantações também se fazem nesta época, aproveitando sempre os dias menos áspersos.

[...]

Hortas – Neste mês devem fazer-se as cavas para os espargos, alcachofras, abóboras e batatas; – cavam-se e estrumam-se os espaços desocupados para expor a terra, o maior tempo possível, aos agentes atmosféricos que as fertilizam e tornam mais própria para todas as culturas. [...] Neste mês semeiam-se alhos, favas, ervilhas, grãos-de-bico e batatas; – estas sementeiras temporãs carecem de mais cuidados para as preservar dos grandes frios; as batatas semeadas nesta época resistem melhor à moléstia que costuma atacá-las.

[...]

Arvoredos – Nesta época deve apressar-se, quanto possível, a plantação das árvores frutíferas em geral. [...] Quem quiser obter um bom resultado, tanto em relação ao vigor das árvores, como à abundância de frutos, não deve espaçar, além deste mês, a poda e limpeza das árvores frutíferas.

[...]

Gados – As vacas de criação começam a parir nesta quadra. Alguns cultivadores costumam dar-lhes na ocasião do parto uma nutrição abundante; é um grave erro. É necessário dar-lhes abundante alimento com antecipação de alguns meses; por esta forma obter-se-ão bezerras mais bem constituídas, e a produção de leite será mais abundante em todo o Inverno e na Primavera seguinte.

[...]

Estrumes – os excrementos de todos os animais mantidos à manjedoura devem merecer especial atenção do bom cultivador. É neste mês que se devem cavar e misturar, para depois serem empilhados. Do bom aproveitamento dos estrumes depende em grande parte a boa cultura; por isso todo trabalho com os adubos será bem compensado. (VALENCIANO, 1980, p. 57-59).

De maneira geral, esses e tantos outros ensinamentos escritos de certas ciências empíricas, para serem lidos, ouvidos e aplicados, estavam intimamente relacionados com o trabalho manual com a terra, com o criatório e, acima de tudo, com a saúde do corpo e da alma de homens e mulheres. Por leituras referidas no tratado de medicina de Avicena, Jerônimo Cortês Valenciano asseverava a observância diária a Deus:

Muito devemos, amado leitor, aos médicos doutos e peritos, pois com sua indústria e saber (*mediante Deus*), nos livram de muitos trabalhos e enfermidades, restituindo-nos a saúde perdida; porém entendo que lhes devemos mais por nos terem deixado regras, com as quais não somente poderemos conservar a saúde, porém também alargar os dias da vida. E porque muitas vezes vem a enfermar o corpo por não ter saúde a alma, será bem que primeiro se dê uma regra e regimento espiritual do eclesiástico, para que cada um possa, como favor de Deus, conservar a saúde da alma, que é a graça, meio principal para conservar a saúde do corpo. *Charissime, time Deum. Et fuge a non timentibus eum.* (VALENCIANO, 1980, p. 210, grifo nosso).

Um regimento de saúde para alargar os dias de vida temporal e espiritual é descrito por esse escritor espanhol, com atenção para a eleição do tempo dos banhos e das cautelas necessárias:

[...] é de notar que o banho se toma por dois respeitos: ou para limpeza, ou para a saúde. Se se toma somente por limpeza, em qualquer tempo se poderá tomar, guardando as convenientes cautelas, tais como ser a água limpa, não ter alguma indisposição do estômago, ter a digestão feita, etc. Se os banhos se tomarem para alcançar saúde, se há de considerar a enfermidade, se requer águas frias, mornas ou quentes e se essas águas devem ser doces, salgadas, alcalinas ou sulfurosas, pois todos tem virtudes para umas e não para todas as moléstias, e por isso será muito prudente que os enfermos consultem

os médicos antes de tomarem os banhos e assim os banhos serão de grande proveito. As pessoas que sofrem dos pulmões (bofes), do fígado, dos rins, das hemorróidas e dos intestinos, do coração e da bexiga, devem acautelar-se dos banhos salgados e do mar, porque lhes serão em demasia nocivos. (VALENCIANO, 1980, p. 208-209).

A habilidade de preparar chás, xaropes e lambedores caseiros à base de rosas, folhas, flores, sementes e raízes, geralmente nativos, requeria a leitura quase diária, ou mesmo diária, das tábuas de receituários, algumas delas ainda hoje preservadas pelo povo sertanejo. Virtudes e propriedades para viver com mais saúde acudiam, cada uma, pelo devido nome.

As rosas [...] das quais a medicina faz uso: *Rosa de cão* ou *silva-macha* – *Rosa-de-cem-folhas* ou *rosa de alexandria* – *rosa-de-musgo*. As folhas destas flores são adstringentes e o chá delas serve para combater as inflamações dos olhos, lavando-os com esse chá e para gargarejos nas moléstias de garganta.

A hortelã tem a virtude de matar e lançar fora as lombrigas do ventre e bichos do estômago.

A *hortelã-pimenta* emprega-se contra as cólicas nervosas, diarréias, vômitos espasmódicos, tosses convulsas, asma e como vermífuga ou contra vermes.

Anis ou erva doce [...] é dela se usam as sementes ou frutos contra a flatuosidades intestinais, cólicas das crianças, diarréias crônicas, etc.

As folhas de alecrim e as sumidades dos ramos floridos são excitantes, e empregam-se contra as digestões difíceis ou laboriosas, tosses úmidas, escrófulas, etc.

Arbusto bem conhecido [sabugueiro], cujas flores secas, depois de maduras, são empregadas como sudorífico nos refluxos, constipações, inflamações dos pulmões, sarampo, escarlatina e em todas as moléstias em que convém promover a transpiração.

O óleo de rícino é laxante e um dos purgantes mais usuais e goza também de propriedades contra os vermes intestinais. (VALENCIANO, 1980, p. 217, 245, 248, 260, 266, 268).

Leitura do tipo “faça você mesmo”, o *Lunário e prognóstico perpétuo* ensinava, outrossim, receitas para o tratamento de abscessos ou tumores (papa medicamentosa de semente de linhaça, de batata ou de malva cozida), aftas (purgar o indivíduo com óleo de rícino), ardor no urinar (banho morno de assento, esfregações com óleo canforado no baixo-ventre e papa de linhaça), cálculos ou pedras na bexiga (banho morno e xarope de ópio e de flor de laranjeira), caspas (lavar a cabeça com mistura de aguardente de cana e uma gema de ovo), cólica de crianças (banho morno,

linhaça cozida sobre ventre, chás de erva-cidreira ou de flores de laranjeira), diarreias (chá de semente de linhaça, clara de ovo batida em meia xícara de água morna com açúcar e papa de linhaça sobre o ventre), hemorróidas (purgantes brandos de óleo de rícino, injeção de água fria ou morna e limonada de citrato de magnésia).

No modo de vida simples do homem e da mulher do século XIX, a leitura do tipo “faça você mesmo” encontrou um terreno favorável para socializar inúmeros ensinamentos úteis relacionados à maneira de fabricar grudes ou colas, tirar nódos de tinta de escrever, confeccionar pomadas para tingir o cabelo de preto e água para tornar os cabelos castanhos.

A história da leitura relativa às atitudes de viver e sobreviver fervorosamente em lugares sertanejos ou litorâneos longínquos é, portanto, bem intencional. Ela postula uma conciliação da saúde corporal e espiritual de homens e mulheres com o tempo social, a diversidade da natureza, as fases da lua e, mais ainda, com o temor a Deus.

O que teme a Deus fará coisas boas, que são medicina conservativas da saúde e da alma, e preservativas muitas misérias, trabalhos e enfermidades do corpo. Diz mais o verso [Eclesiástico, Provérbio 15] que, para conservar o santo temor de Deus, convém que nos apartemos e fuçamos daqueles que não temem, porque, como diz o Provérbio: *Cum sancto sanctus eris, & cum perverso perverteris*: e assim, perdido o temor, se perde o respeito, e de perder o respeito nasce a total ruína da saúde espiritual e corporal. (VALENCIANO, 1980, p. 210, grifo do autor).

Não obstante, a educação escolar das novas gerações era inseparável da leitura extensiva e da escuta de proezas de homens valentes, de santos e santas patriarcas e matriarcas, das tábuas de receituários, das casas dos planetas, dos prognósticos para cada ano, do calendário gregoriano, do ciclo solar – ou dominical –, do trabalho agrícola, da economia doméstica e até de jogos de entretenimento. Como não poderia deixar de ser, a educação escolar das crianças dependia da leitura de bons livros, que era uma das instâncias de úteis apropriações.

Que os teus filhos saibam ler, para se aconselharem com os bons livros, que aconselham bem e de graça! – Como não é agradável, reunida a família em torno do lar, em uma longa noite de Inverno, ouvir com curiosa atenção a história dos santos patriarcas, a narração da proeza de nossos honrados e valentes pais, a exposição de práticas agrícolas, melhores de que as vossas, e mesmo a leitura dessas linhas

que vos estou dedicando! Fazei, bons lavradores, fazei com que vossos filhos saibam ler, escrever e contar; porque esta é a primeira porta do saber. (VALENCIANO, 1980, p. 103).

A escrita encadeada nos textos do *Lunário e prognóstico perpétuo* facilitaria, indiscutivelmente, a leitura feita ou ouvida de cada tábua de ensinamentos e, mais ainda, sua recitação pelos cantadores ou declamadores de versos populares nas feiras nordestinas. A leitura ou a escuta de *Lunário e prognóstico perpétuo* era, todavia, um forma de apropriação das ciências empíricas ensinadas por astrônomos, médicos, naturalistas e até papas.

Sendo a leitura do almanaque *Lunário e prognóstico perpétuo* situada numa rede de práticas culturais e almejando inúmeras outras práticas culturais, foram seus ensinamentos incessantemente apropriados pelos poetas cordelistas trazendo “[...] as fórmulas que são precisamente as da cultura oral.” (CHARTIER, 1990, p. 125). O *Lunário e prognóstico perpétuo*, assim como os livros de cordel da *bibliothèque blue* analisados por Chartier, era facilitador do oralizar, do transmitir e do recitar.

Essa leitura é, igualmente, um reencontro, no livro, com textos já conhecidos, pelo menos em parte, e de maneira aproximada. Muitas vezes lidos em voz alta por um leitor oralizador [...] — os textos de cordel podem ser memorizados por ouvintes que, uma vez confrontados com o livro, os reconhecem mais do que os descobrem. (CHARTIER, 1990, p. 130).

O encontro da leitura de ocasião com a recitação dos versos de cordel reforça continuamente a cultura da oralidade e a leitura feita, ouvida ou murmurada.

Referências

ARAÚJO, Douglas. **A morte do sertão antigo no Seridó**. O desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia (1970-1990). Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Perfil do leitor colonial**. Ilhéus (BA): Editus – Editora da UESC, 1999.

ARAÚJO, Marta Maria de. Os educadores, as educadoras e os livros de estudo e de leitura do caicoense no século XVIII. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 26., 2003, Poços de Caldas. **Anais...**, Poços de Caldas: ANPed, 2003. 1 CD-ROM.

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore** – invenção e comunicação. Aracaju: Typografia Editorial/Scortecci, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo**. Introdução ao estudo da novelística no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. **Ontem**. (Magações e notas de um professor de província). Natal: Imprensa Universitária, 1972.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. rev. e 1. reimp. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DEL PRIORE, Mary. Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil**. Cotidiano da vida privada na América portuguesa. 7. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (v. 1).

FARIA, Osvaldo Lamartine de. **Notas de carregaço**. Natal: Scriptorim Candinha Bezerra/ Fundação Hélio Galvão, 2001.

FIGUEIRÊDO, Franselma Fernandes de. Aquelas leituras formadoras de culturas (Caicó-RN, século XIX. 2010. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

MACÊDO, Muiraktan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó** – espaço e história no regionalismo seridoense. 1998. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1998.

MARREIRO, Flávia. Profetas do sertão miram o horizonte para farejar chuva. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 6, 18 jan. 2004. (Caderno Brasil).

MEDEIROS FILHO, Pe. João; FARIA, Osvaldo Lamartine de. **Seridó** – séc. XIX. (fazendas & livros). 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Marques Saraiva, 2001.

MONIZ, Edmundo. **Canudos** – a luta pela terra. 3. ed. São Paulo: Global, 1984.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-homem**. Prefácio Gustavo Barroso. 2. ed. Rio de Janeiro: A. J. de Castilho, 1929. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>>. Acesso em: 14 jan. 2010.

POEL, Francisco Van Der, Frei O.F.M. **O processo da cura na cultura popular**. Disponível em: <<http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/medicina.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

VALENCIANO, Jerônimo Cortês. **Lunário e prognóstico perpétuo para todos os reinos e províncias**. Reformado e muito acrescentado. Porto: Lello & Irmão Editores, 1980.